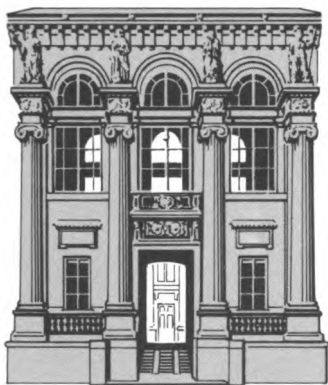


TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY



ST. GILES · OXFORD

~~117 129 A.1~~
REP. P. 2847

Echos do passado

— VERSOS —

Colombina

— CONTO —

FPZ 129 A.1

— Composição e impressão —
Empresa Gráfica «A UNIVERSAL»
Locatário ANTÓNIO FIGUEIRINHAS
Rua Duque de Loulé, 111-131 — Porto

JOÃO PENHA
(DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA)

Echos do passado

VERSOS

COLOMBINA

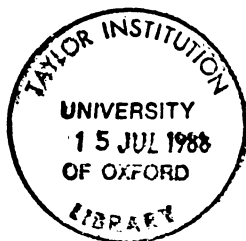
CONTO

COM PREFACIO E NOTAS



1914

COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA
14, Largo dos Loios, 14 — 119, Rua do Almada, 123
PORTO



Obras litterarias do Autor

Rimas — Lisboa, 1883 — 1 vol. 1\$000 réis

- I — Vinho e fel
- II — Onofre
- III — Violão nocturno
- IV — Lyra de Pangloss.

3.^a edição — Braga, 1908 — 1 vol. com retratos, 600 réis.

Viagem por terra ao paiz dos sonhos — Porto, 1879 —
1 vol. 700 réis.

- I — Musa que ri
- II — Tancredo
- III — As evocações
- IV — Arias modernas.

Por montes e valles (SYLVIA, e outras prosas) — Lisboa,
— 1 vol. 500 réis.

Novas Rimas — Coimbra, 1905 — 1 vol. 600 réis.

- I — Caprichos funambulescos
- II — Intermezzo
- III — Coroa de perpetuas.
- IV — A caminho das estrellas
- V — Sonetos e ritornellos.

Prefacio

As palavras de Taine: "Le moi c'est odieux," seria melhor que elle as tivesse deixado nos livros do Savoir vivre, onde de certo as encontrou. No mundo dos salões talvez essas palavras representem uma regra accitavel; no mundo das artes, não, a meu vêr. A arte deve ser subjectiva; a objectiva, proclamada por aquelle critico e por muitos mais, não é arte: é fabrico ou manufactura. Mesmo na estatuária, em que, á primeira vista, a theoria do objectivismo poderia ter algum cabimento, se na sua obra creada faltar a alma, ou o eu do artista, isto é, o subjectivismo, apenas terá valor como mão d'obra, mas não como uma verdadeira obra d'arte.

Não desenvolvo esta these, porque a materia seria longa, e o lugar não é proprio. O que apenas farei notar, em ordem, a justificar as minhas ideas a este respeito, é a incongruencia dos defensores do assérto de Taine, os quaes, ao passo que continuam a gritar que a obra deve ser impessoal, que os artistas não devem fallar de si, que não devem ser pessoas, de joelhos lhes pedem as suas autobiographias, o que equivale ao mesmo que pedir-lhes que

sejam odiosos, pois que ali terão de fallar de suas pessoas, quasi que desde que nasceram, ali terão de expor as suas ideias, de relatar os successos, mesmo os menos importantes, da sua existencia, de fazcrem, enfim, a sua historia, ainda que a não tenham.

Mas, não é só isto: ainda depois de mortos, lhes vão revolver os papeis velhos e com os elementos que ali encontrem, e com outros, exteriores, que laboriosamente consigam,—lhes dão á luz a correspondencia amorosa, profanação a que ninguem, de nome, actualmente escapa!

Isto destroe aquillo: os factos destroem o falso principio, ao qual, de mais a mais, nunca os maiores poetas dos tempos modernos se curvaram.

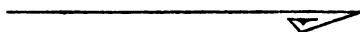
Todos, em suas composições, com um soberano menosprezo do tal odioso “moi”, metrificaram os seus amores, todos deificaram as respectivas musas inspiradoras, e isto com manifesto prazer dos leitores, a quem de certo mais interessa saber o como, por exemplo, Alfred de Musset e Lamartine amaram, do que saber isso mesmo a respeito de personagens de pura phantasia.

Pela minha parte e na minha obscura pequenez, assim tenho procedido, e não só pelas razões que acima resumidamente expuz, mas também porque me dou bem com a forma subjectiva, forma que adopto ainda quando os episodios, que relato, se não passaram realmente commigo.

N'este meu ultimo livrinho, não mudei de systema, nem tinha razões para o fazer, e se alguém achar estranho que eu, na minha actual mocidade, metrefique assumptos que talvez não sejam proprios d'ella, considere que eu, a exemplo de todos os artistas que realmente o são, quando trabalho, no que penso é na obra que me occupa, e não na idade que tenho.

Demais, se esta explicação não satisfizer por completo algum dos meus leitores que benigno não seja, esse, não terá mais que reparar no titulo do livro: Echos do passado, e então, de certo, se absterá de remoques ou censuras, com as quaes, em todo o caso, eu me não daria por offendido.

ECHOS DO PASSADO



A expiação

A TEIXEIRA DE QUEIROZ

Eu fui um dos da louca multidão
Dos Anjos, que se ergueram contra o Eterno,
E séculos sem fim vivi no inferno,
Nos supplicios da eterna maldição.

Um dia, um pensamento de perdão
A mim desceu, como um clarão superno:
Bati as azas negras e do Averno
Me alei tremendo á divinal mansão.

Foi-me, ao principio, todo o ceu adverso,
Mas, piedosa, por mim rogou Maria,
Ao ver-me triste, em minha dor immerso.

“Baixa, me disse o Padre, á Terra fria:
Teus dias passa a amar, em prosa e em verso,
E assim teus crimes miserando expia.,

O espelho traidor

Enganam muitas vezes os espelhos,
Fazem d'um quadro alegre um quadro triste.
Mas, direi da justiça que me assiste,
Posta a mão sobre a cruz dos Evangelhos.

N'esses teus olhos, de chorar vermelhos,
Perpassa a ira, e como lança em riste,
Me fere os seios d'alma, por que viste
A tua aia assentada em meus joelhos!

Para que d'essa dor não fique um rastro
(Nem havia razão de tanto alarme)
Escuta o que ella disse ao teu poetastro,

Escuta-o e o riso o teu furor desarme:
“Quero, de perto, contemplar um astro . . . ,”
E poz-se, como a viste, a contemplar-me.

Amor secreto

(THEMA DO SONETO DE FELIX ARVERS)

Tenho em minh'alma um intimo segredo:
Um grande amor de subito gerado.
O mal é sem remedio, e namorado
Até de que Ella o saiba tenho mêdo.

Se a vejo vir ao longe, retrocedo;
Trêmo de susto, se me passa ao lado,
E vivo onde ella vive, desterrado
Como um triste n'um áspero degredo!

É ella a dama que minh'alma admira;
Modesta em seu viver, casta, esmoler,
Meus versos lhe consagro, toda a lyra,

Versos só cheios d'ella, e nem sequer
Suspeita qual a musa que os inspira:
Diz talvez: "quem será esta mulher?,"

Racord

É sempre a mesma cousa: um desenlace
De comedia, de farça, que não muda!
Pobre de quem amando o sonho illuda!
Viveria feliz, se nunca amasse.

Eras um anjo no candôr da face,
D'um aspecto gentil, grave, sisuda:
Tudo illusão! seria a dor aguda,
Se eu, philosopho, a rir a não domasse!

Eu era o quinto ! vaes no sexto agora:
Uns loiros, outros altos, outros baixos.
Por esse caminhar, annos em fóra,

Terás aos trinta, a conceder penachos,
Oh tu, gentil, que esta minh'alma adora,
Uma sumptuosa lista de cem machos !

Recordações

I

Que fazeis, senhora minha,
Que só penas me causaes?
Mais doce que uma avesinha,
Só vos aprazem meus ais!

Era branda, alegre a vida,
Senhora dos meus cuidados,
Que eu levava, a fronte erguida,
Por meus reinos dilatados,

Por esses campos em fóra,
Burgos, montes, todo o dia,
Lá desde o romper da aurora,
Até quando o mocho pia.

II

O coaxar das rãs n'um charco,
Em noite serena e bella;
O ver deslizar um barco
Sobre as ondas, panda a vela;

Ouvir, d'um carro pesado,
O seu chiar, que parece
Um gemido prolongado
Que pouco a pouco esmorece;

Parar, ouvir lá do fundo
D'uma taberna ruidosa
O canto alegre e jocundo
D'uma Lizette, uma rosa;

Entrar, e com menosprezo
Do mundo que, sempre ladra,
Taça em punho, o éstro accêso,
Deitar á bella uma quadra;

Seguir, a passo dobrado,
A tocata fugitiva,
Que á sua dama, embuçado,
Leva um nocturno Almaviva,

E seguindo-o á porta d'ella,
Solitaria á noite a rua,
Ao ouvir-lhe a canção bella,
Minha voz unir á sua;

Em alto estylo, animado
Com generoso cognac,
Elegante e encasacado,
Pendente na mão a claque,

Entrar n'um baile, e em falsête
De tenôr, o dorso em curva,
Implorar um minuête
A uma joven, que se turva;

Ouvir, de longe, sentado
Junto a um denso tamarindo,
D'uma eólia o som magoado
Que a briza leva fugindo ;

Ou deitado, resupino,
Sob um plátano solempne,
Ler o facil Aretino,
Ou o difficil Verlaine ;

Logo, mudando de idea,
Como mudava mil vezes,
Ir viver para uma aldeia,
A vida dos camponezes ;

E na capella, escondida
Em bucólica espessura,
Ir, com face confrangida,
Ajudar á missa ao cura ;

Ir estudar pelas matas,
Os preferidos bemoes,
Os trinados e as volatas
Dos cantos dos rouxinoes ;

N'isso tudo achava encanto
O meu espirito fútil,
Que tudo amava, comtanto
Que fosse excentrico, inutil;

N'essas e n'outras folias,
Em continuos episodios,
Eu passava alegre os dias,
Sem saber o que eram odios,

Sem até saber o que era
Uma paixão, que os amores
Os julgava uma chimera,
Um sonho de trovadores.

III

Quiz, porém, o meu destino
Que a minha estrella mudasse:
Vi vosso rôsto divino,
Vi um anjo face a face.

E vendo em meus olhos tristes
O puro amor que os turbava,
Doce e branda consentistes
Em me dar o que eu vos dava.

Deixei a vida d'outrora,
E n'esse amor concentrado,
A minh'alma até deplora
O meu risonho passado!

Entre mundanas

— “Filha das tristes hervas, nus os pés,
Andrajosa, mas bella de semblante,
Seduziu-me um devasso, um falso amante,
E nada tinha que perder aos dez.

“Fui actriz, e cantora de cafés,
Mas, mudava, indecisa, a cada instante.
Depois, fui o que sou: mundana ovante,
Com trem montado, alto estadão, librés.

“Mas tu, que eras um anjo, um serafim!
És, pois, de quem te queira! Que piedade!
E porquanto te dás?,” — “Por um sequim.,”

— “Por um sequim em plena mocidade!
De dia e noite uma tarefa assim!
Tu rebaixas a nossa dignidade!.,”

O seu poder

A mulher, companheira da bonança
No mar da nossa vida e na tristeza,
Que é ella, enfim, no mundo? uma fraqueza,
E enquanto não nos vence, não descança!

Tal pelo seu sorriso, ou pela trança,
Tal pela graça, ou natural viveza,
Nos subjuga subtil, fácil proeza
De leôas; mas ouve-me, creança:

Nos olhos, quer das bellas, quer das feias,
E' que o poder está das filhas d'Eva,
Mais que na voz das lânguidas sereias;

Onde esses teus esplendem não ha treva:
Com o que elles me dizes me incendeias:
O que a bôca me diz o vento o leva.

Enfim

Eu julgava-a um pouco fria,
Quasi de neve, gelada,
Mas a minha alma, coitada!
Amava-a assim, como a via.

Quantas vezes eu dizia:
«Não me ama, ou quasi nada.»
E eis que a vejo apaixonada,
Louca d'amor! Que alegria!

**Meu prazer chegou aos cumes!
Aves, boninas, cantai-a!
Tudo n'ella são queixumes!**

**Coração, goza, desmaia!
Minha dama tem ciumes
Da sua propria lacaia!**

Ungidos

«Nós, reis (me disse a filha do monarcha)
Não somos da materia, vil e immunda,
De que é feita a ralé, que a terra inunda,
E que ousada e sem fé, contra nós arca.

«Em nosso proprio sêr temos a marca
Duma raça divina, em Deus oriunda.
Nada há que nas duas se confunda:
Só as eguala a morte, a hedionda Parca.»

— «É bem sensato e justo, com certeza,
Senhora, o que me diz: pensava-o eu já.
Mas, nesta vasta e obscura natureza,

«Ha mysterios profundos, pois não há?
Assim, já foi microbio vossa alteza,
Nas entranhas reaes de seu papá!»

O problema

A QUEIROZ RIBEIRO

Lá desde a mais longinqua antiguidade
Se controverte uma questão renhida
Sobre quaes os direitos, n'esta vida,
De todos nós, de toda a humanidade.

Todos eguaes, em plena liberdade
Querem-no alguns ; exigem outros brida;
Mas, quanto a mim, a these debatida
Sobre a qual, em procura da verdade,

3



Os sabios d'este mundo sublunar
Em estereis disputas se consomem,
Tem uma facil solução vulgar :

“Todo o macho (no bom sentido o tomem)
Deve ter, para si, um campo e um lar :
Toda a mulher um semovente: um homem.,”

Outros tempos

Que extraordinaria mudança!
Que estranha desenvoltura!
Fazes lembrar uma impura,
Uma cocotte de França!

De rosa branca na trança,
Tinhas da rosa a candura,
Alma d'anjo, ideal figura,
Todos te amavam, creança.

Era o mundo teu vassalo,
Eras no mundo um thesoiro,
E agora, é triste contal-o,

Achas o amor um desdoiro,
Ris-te do canto do gallo!
Tivesse elle a crista d'oiro!

Felix culpa

Não fazes bem, anjo lindo,
Em te mostrares adversa
Á minha paixão “perversa,”
Como lhe chamas, sorrindo.

Desce dos cumes do Pindo,
E n'esta alcatifa persa,
Vamos a outra conversa,
Que o poema escripto é já findo.

Se nos diz Santo Agostinho
Que o peccado d'Eva e Adão
Nos levou ao bom caminho,

Fôra culpa sem perdão
Fugires ao meu carinho
Pelas vielas da razão.

Madrigal

(A D. ZULMIRA DE MELLO)

Tres Graças outrora havia
Com templos em toda a parte,
Mas que o tempo já desfez.
A qual d'ellas comparar-te?
A Euphrosyna, a Thalia?
A Aglâes, em summa?
 Não, a nenhuma,
Que tens a graça das tres.

Nova conquista

Que indecifrável contraste
Entre teus olhos de sonho,
Onde leio o meu destino,
E teu labio nacarino,
Sempre jucundo e risonho!
Lirio branco, em sua haste,
De te amar não me envergonho ;
Sou mais um que conquistaste!

O chapéu

“Inda me lembro, com prazer secreto,
Do que em tempos ditosos me dizias
A respeito das minhas phantasias
De vestuários, do talhe o mais correcto.

“Volta ao passado, critico dilecto :
Dize de meu chapéu. São ninharias,
Mas . . . responde-me., Odiando zombarias
Eis o que respondi, com doce affecto :

— “De praias e salões na infinda arêna
És sempre original, sem uma joia!
O teu chapéu? Ha n’elle, ideal pequena,

“O quer que seja do tromblon de Goya,
A emergir, triunphante da melena
Como um nauta do centro d’uma boia !,,

Viagem de nupcias

“Nunca vivera em regiões sidéreas,
Senão em verso. Namorava apenas
Loiras e brancas, negras e morenas,
Isento o coração de paixões sérias.

“Tinha de gêlo o sangue nas arterias,
Nem comprehendia amorosas penas;
Frívolo, eu só amava alegres scenas,
Como um futuro bacharel em férias.

“Mas, vi-te e amei-te: o fado assim no quiz :
Tenho a minh'alma acorrentada á tua,
Como a do Florentino á de Beatriz.,

Então, com voz melliflua, insinúa :
“Pede-me ao meu papá: serás feliz,
E a viagem . . . — “Será d'um poeta á lua!.,

Flirt

Lydia vendia rosas na kermesse.

Quiz a d'ella: uma linda rosa-chá.

—“Quanto?„ lhe perguntei. “O que eu quizesse„

—“A minh'alma?„—“E' bem pouco, mas... vá lá..„

Auta

Não seria amante e poeta,
E se o sou é por meu mal,
Se a ti, cara flor dilecta,
Não fizesse um madrigal.

Os olhos aos ceus levanto,
Vêm-me ideas, mas confusas.
Que direi? que tens o encanto,
A graça antiga das musas,

Que muitas vezes, sinceras,
Ou com vozes de sereias
Inspiraram n'outras eras
Cantos d'amor, epopeias.

Os teus olhos azulados,
Com tons do glauco do mar,
Lançam minh'alma em cuidados,
Fazem minh'alma sonhar.

Fico-me como que ouvindo
Vagos sons d'harpas eólias,
Que a briza me traz fugindo
Por entre as brancas magnolias,

Se de teus labios de rosa
Sahe a voz que nos enleia,
Como a voz melodiosa
D'um rouxinol que gorgieia.

No teu cabelo opulento,
Castanho-escuro, doirado,
Lá vive o meu pensamento,
O meu coração, coitado!

Móro em ti, nem me domino,
Que em toda a face da terra
Não ha corpo mais divino
Pelas bellezas que encerra!

Que desenho ideal e franco!
Nosso amor, nosso martyrio!
Corpo de marmore branco,
E dentro a alma d'um lirio!

Cantar-te melhor não pude,
E era noite de luar!
Oh! vem, meu triste alaúde,
Vamos com ella sonhar!

Decepção

(A.)

Quem toma a vida a serio está perdido,
Não goza um só momento de ventura,
E se o goza, lá vem a sombra escura
Que lhe desfaz o sonho apercebido.

Ouvira-lhe o seu canto, dolorido
Como o d'ave em recôndita espessura :
Era gentil, amei-a com loucura,
Ditoso por me ver correspondido.



Sentia n'alma a re florir d'um maio ;
Só tinha olhos para a ver, e a ella
Me curvava, servil como um lacaio !

Mas, decepção atroz, sem nome ! a bella
Não passava, oh ! meu Deus, d'um papagaio,
Que aprendera a cantar de philomela !

Amorosa offerta

A ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Sob um querceo, que plácido murmura,
Dizia-me a romantica donzella:
—“Pode ser que esta vida seja bella,
Mas eu vejo-a sombria, hedionda, escura.

“Sempre só, como os tristes sem ventura,
Não vivo, vejo a vida da janella,
E se acaso me chama, fujo d'ella,
Como foge do vicio uma alma pura.

“Por madrigaes, por amoroso canto
Tenho sómente olympicos desdens,
Ôcas palavras, que as outras amam tanto!

“São transitorios d'este mundo os bens:
Só tomaria por esposo um santo,
Que me guiasse a Deus.”—“Aqui me tens!”

Quale piuma al vento

Eu amava-a como um louco;
Agora já me não quer!
—“Hei-de ser tua mulher,,
Dizia-me ella inda ha pouco:

“É para ti que me touco,
Me adórno, como é mister,
E se Deus assim quizer,
E aos meus rogos não fôr mouco,

“Hei-de dar-te pequenitos.,
E a fumar o meu charuto
Fiz-lhe versos bem bonitos...

Foi o sonho dum minuto,
Que a bella já poz escriptos
No coração devoluto!

Turpe sinilis amor

Tu, que és um homem grave, homem de toga,
Vaes seguindo caminho mau, nefasto;
Mas isso vem de longe, que por casto
Não passavas, na tua synagoga.

És bom freguez de camarins em voga,
E o que me espanta, a mim que a vida arrasto,
É que inda não estejas pôdre e gasto,
Dia e noite, a comer da mesma droga!

O teu mundo foi sempre o das mulheres;
Fóra d'elle não vias salvamento!
Mas, toma este conselho, se quizeres:

“Deixa-te de namoros, toma assento:
É já tempo, D. João, que consideres
Que tens mais que tres vidas de jumento!.,”

Ao poeta X

O teu ultimo livro, em seu conjunto,
Valera-te uma pagina d'Erasmus,
Se porventura o lesse. Enorme pasmo
Seria o d'esse critico defunto.

Das minhas impressões eis o transumpto
(Nem tomes o que digo, por sarcasmo)
Causaste-me o mais vivo enthusiasmo
Pelo bello da fórma, e pelo assumpto.

Excedes, com certeza, o cantor luso
Da miseranda Ignez. Ninguem trabalha
Com mais primor os versos que, profuso,

Esse teu éstro pelo mundo espalha,
Mas, d'isso que tu obras, eu deduzo
Que em lugar de boninas, comes palha!

Incuravel

—“Soffro do coração, horriavelmente,
E já vivo, ai de mim, desenganado!,,
Disse-me, a rir, o medico assistente :
“Esse mal é de morte: está perdido!,,
Disse ella, o rosto lindo demudado :
— E quem foi esse barbaro ?,, — “Cupido !,,

Florívoro

(A D. NATHALIA DE MELLO)

Conheci um bom rapaz
Lisboeta, um alfenim,
Que devorava, lambaz,
Com estranha golodice,
Quanta flor acaso visse,
Desde o martyrio ao lilaz,
Desde a camelia ao jasmim!
Como os outros comem pêras,
Como um burguez come alface
Comera todo um jardim;
Não deixara uma só dhalia,
Que feroz não manducasse!
Que grande risco, Nathália,
Assim tão bella, correras
Se elle um dia te encontrasse!

As duas irmãs

(Z. e N.)

Eu disse ao vêl-as, que par!
Que perfumado bouquet!
Ninguem as pode egualar,
Lirios a andar por seu pé!

Que doce encanto, que graça
D'ellas emana, divinas!
Pára attónito quem passa
Ao vêl-as tão peregrinas.

Uma, a mais nova, uma artista,
Que tanto genio revela,
Tornara doido um trappista,
Morrera d'amor por ella.

Outra, a mais velha, uma fada
Feita dos raios da lua
Inda ha-de ser disputada
A punhaladas na rua!

Assim, quem tal mo diria!
Talvez morra assassinado,
Em alta noite sombria,
Por um rival desprezado!

Eterna mocidade

Eu li no meu reportorio
Que a primavera chegou,
Mas este caso notorio
De modo algum me alegrou.

Para mim não ha mudanças,
Vivo sempre em pleno abril,
O meu ceu é de bonanças,
A briza é leve e subtil;

Porque desde que me deste
Os teus divinos amores,
O meu anno, anjo celeste,
Não tem gêlos, só tem flores.

Que o proprio inverno que a tantos
Prosta por terra sem vida,
Tem para mim os encantos
Da bella estação florida,

Não; não és a deusa Flora,
Nem a deusa de Cythéra:
És a minha eterna aurora,
És a minha primavera.

Coitadas!

(CARTA)

“Ai! coitadas de nós! Sempre boçaes
O que os homens nos dizem, por estudo,
Logo lhe damos credito, e comtudo
Que são elles, que são? lobos cervaes!

“Para que encher o mundo de meus ais
E me queixar a Deus, o sempre mudo?
Para os homens, de phrases de velludo,
Somos um passatempo, e nada mais!



“Quem não tem que fazer, que faz? colheres;
As tuas são os versos que nós lêmos,
Ai! coitadas de nós, pobres mulheres!

“Eram de fogo, em verso, os teus extremos
Por mim, coitada! e agora não me queres!
Pois, casa-te... e então nós nos vingaremos.”

A educação e o temperamento

Em salas e passeios, noite e dia,
Um cortejo de dandys e de poetas,
Em elegantes posições correctas,
De madrigaes em riste, a perseguia.

Da devoção das filhas de Maria,
E d'uma educação das mais completas,
Tinha comtudo, á noite, horas inquietas
Por um intimo ardor, que a consumia.

Causava-lhe asco o seu ideal cortejo;
Via, em frente, uma impura caprichosa,
De portas sempre abertas ao Desejo;

E murmurava triste e lamentosa:
“Como aquella é feliz, quanto eu a invejo!
Tem quantos jovens quer! como ella goza!,”

Mytologico

(Z.)

**Ia a passeio a mais bella
Das brancas filhas d'Apollo.
Vôa Cupído atraz d'ella:
"Oh mamã, leva-me ao collo!,"**

O conjungo vobis

— “No lago azul do prazer,
Sê tu o meu bergantim . . .
Voguêmos?

“Ao Éden iremos ter:
Empunho (diz-me que sim)
Os rêmos?,”

— “Por ora, não póde ser.
És mau! Depois do latim . . .
Veremos!,”

O Ouvido

Ao VISCONDE DE CASTELLÕES.

Esse Ouvido, o do Ignoto e do Mysterio,
Existe em toda a parte, e tudo escuta:
Tudo que o homem diz, durante a luta
Da vida, desde o berço ao cemiterio.

Doces suspiros d'um amor ethéreo;
Dos que vivem sem fé a voz corrupta,
Tudo elle ouve: o gemer de quem labuta,
O rir jucundo, e o rir atroz, funéreo.

Nada digas na sombra, oh tu que vaes
Pelas ásperas sendas d'esta vida,
Cantando alegre, ou a chorar em ais;

Não blasphemes atroz no horror da lida;
Não te jactes, ditoso: rir, jamais:
A voz que soltes será logo ouvida!

Jôgo encoberto

A HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

—“Não ha jornal, disse Emma um dia ao poeta,
Em que se não deparem madrigaes
Que me fazes, e tanto que meus paes,
Lendo-os, me dizem sempre: que pateta!

“Não digo que aos teus estros ponhas méta,
Mas, nem tantos suspiros, tantos ais.
Diz-me, em prosa, quaes são os teus ideaes:
Descobre-me o teu jôgo: eu sou discreta.,,

—“Fallarei, pois, em prosa, mas á antiga :
És bella e pobre; eu, pobre e trovador,
E o meu ideal seria, doce amiga,

“Viver, longe do mundo, no labôr
De fiar, a teus pés, a loira estriga
Do mais perfeito, mais ardente amor . . .”

A sensação

Eu não tinha outro ideal. Era um desejo
Que lias em meus cantos namorados;
Tu, porém, n'esses versos perfumados
Só vias sons, um musical arpejo!

Mas, soccorreu-me inesperado ensejo:
Vimo-nos sós, já posto o sol, n'uns prados,
E déste-me, bem cheia de cuidados,
Que eu em teus labios deposesse um beijo!

Evolou-se o pudor que te detinha!
Que branda sensação deliciosa:
Toda a magoa se foi que eu n'alma tinha.

Que beijar essa bôca generosa,
O mesmíssimo foi, senhora minha,
Que beijar umas pétalas de rosa!

A vida

N'este triste valle escuro,
Tudo é sonhar e mais nada:
Na mocidade o futuro:
Depois, a vida passada.

N'um leque

Como póde acreditar-se
Que um mimo d'amor assim,
Apesar do seu disfarce,
Não é anjo, um serafim ?

Oh! em tudo nos revelas
Que vens das divinas plagas.
Ao pé de ti não ha bellas;
És sol que os astros apagas.

Diz-lhe, por mim, ventarola,
Com os rodeios precisos
Que alguma vez, por esmola,
Me dê um dos seus sorrisos.

Constancia

Essa rosita em botão
É sublime de desdem!
Todos lhe batem á porta
Do seu doce coração;
Ella, porem, não se importa.
Batem, batem, mas em vão:
Não dá guarida a ninguem:

Que está lá dentro aninhado,
Como um santo no seu nicho,
O seu poeta adorado,
Seu amor e seu capricho!

O ramo perdido

Lydia perdeu um ramo que eu lhe dera.
Um fauno o viu e o poz em si; que arrôjo!
Queixou-se a nympha á deusa de Cythéra,
E logo a deusa lho mudou... em tojo.

Dualismo

Bem me lembro de o ver, inda galhardo,
Já na idade senil, sempre piedoso.
Só dava a Deus o que furtava ao gozo
Que assiduo procurava com resguardo.

Sempre no coração trazia um dardo,
Rosa ao peito, elegante, primoroso;
Mas nos templos, de joelhos, fervoroso
Orava, erguia aos ceus o incenso e o nardo.



Gentilhomen da roda, mas prudente,
Deixava irresolutos e perplexos
Os que tentavam devassar-lhe a mente.

Os sentimentos, n'elle, eram complexos.
Enfim, passou a vida santamente
A esculpturar bebés de ambos os sexos.

A imagem

Vem! quero retratar-te. Uma fraqueza
Me impõe esta exigencia repentina.
A Vinci e a outros na mansão divina,
De mulheres fallei, e de belleza.

“Ha-as (e estou a ver-lhes a surpresa)
Mais bellas que a Gioconda e a Fornarina,
Mais bellas do que a impúdica Erecina,
Maravilhas carnaes da natureza.,”

Quero provar-lhes isto. Uma obra d'arte,
Mesmo ideal, não me basta ao meu desejo,
Abundam nos museus, e em toda a parte.

Vem depressa! não cuides que gracejo:
Nada encontro melhor que retratar-te.,
— “Mas, não me vêes em ti? disse ella. — “Vejo.,

Ultima esperança

Nunca deitaste os olhos ao futuro,
Jucunda, em teu viver de estéril gôzo.
Mas o tempo, que foge pressuroso,
Já te faz reflectir, acerbo e duro.

E agora, como incerto palinuro
Sem bússola n'um mar tempestuoso,
Lanças em roda o teu olhar ancioso,
E vês-te como só n'um valle escuro.

És ainda uma esplendida mulher,
Mas esse coração, que amei com brio,
De tanto que se deu, por esmoler,

Está de todo gasto, velho e frio:
Mette-te freira: assim ninguém t'ó quer.
—“Talvez eu!”, exclamou um cão vadio.

O burro

Amas esse rapaz, porque é bonito.
Mas elle é dos da estólida caterva
Que nem um só olhar, um só reserva
Para os ceus, essa nêsga do infinito!

Espanta-me o teu gôsto, acho-o exquisito,
A fórma a pouco monta. Olha: observa
Aquelle burro sepulcral. Na herva
Parece uma alimária de granito.

Sombrio, taciturno como um ético,
Lê-se no seu olhar, outrora ufano,
Um soffrimento intimo, pathetico.

Serão penas d'amor, um desengano?
Será, acaso, o burro um ente poetico?
Não o é, com certeza, o burro humano.

Lamuções

“Que pena! Tenho o corpo tão bonito,
E nenhum amoroso me procura!
E, quem sabe? talvez á sepultura
Eu me vá, de capella e de palmito!

“Em tempos, um rapaz muito exquisito,
Inda imberbe, mas lindo de figura,
Passava, mas fugiu! Que desventura:
Era da raça dos Josés do Egypto!

“E os dias vão passando, sem que veja
A mais ligeira mutação de scena!
Por sobre mim uma ave negra adeja!

“De corpo tão bonito, alta e morena,
Á propria Venus causaria inveja,
E assim tão bella... durmo só! Que pena!,”

Zombeteira

Toda bella, delicada,
Eu só lhe encontro um defeito:
O de rir á gargalhada,
Do meu amor tão perfeito.

E quando, em prantos e ais,
Aos seus pésinhos me deito,
E' quando ella se ri mais,
Do meu amor tão perfeito!

Mau humor

N'este bom maio florido,
Não te mando rosas, eu,
Que tal como o Pastor Fido
Ou como o terno Dirceu,
A teus pés chorei, rendido.
Porque esse amor tão sentido
Tu o mataste, morreu!

Os dous asnos

Um cavallo que tinha o rei no bôjo,
Disse ao magro jumento d'um moleiro:
—“Da minha raça, tu? Causas-me nojo;
Tu fazes rir: és menos que um sendeiro.

“A mim, me adornam selas e xaireis,
Magnificos arreios e gualdrapas;
Em mim cavalgam principes e reis,
Homens de guerra, bellas damas guapas.

“E tu, que sobresaes pelas orelhas,
Por sobre a albarda que te adorna a espinha,
Que levas, asno? diz? Canastras velhas,
Teu dono: um ôdre, ou sacos de farinha!,”

—“É verdade o que dizes, disse o burro,
Sou humilde, nem pompas alardeio,
Mas trago a bôca livre, e livre zurro,
E tu, pedaço d’asno, andas de freio!,”

Dias Freitas

A SUA FILHA D. AURORA BEATRIZ.

Morreu, transpoz o cabo tormentoso
Em procura d'um sonho: o de outra vida.
Impávido ante a morte apercebida
Só via o ceu azul, o eterno gôzo.

No mundo, onde foi sempre desditoso,
Por entre a sociedade corrompida
Caminhava a sorrir, de frente erguida
Como um justo, de glorias desdenhoso.

Ninguém lagrimas verta, amargo pranto,
Que vive agora em luminosa estrella:
Era um poeta de raça, um bom, um santo:

Vêde-lhe o seu talento, a alma bella
Na "Grinalda christan., ultimo canto
Do trovador do murmuro Vizella!

Hespanhola

Quem te veja, quem te observe,
Conchita, sonha prazeres.
Mas, diz-me, de que te serve,
Criança, tão linda seres?

Grandes do mundo, taes como
Margraves, duques e lords,
Te offertam, curvos, o pômo,
Conchita, porque o não mordes?



Fazem-te o pé os alferes,
E nem um olhar lhes deitas:
São o sonho das mulheres,
Criança, porque os regeitas?

São aos mil os estudantes
Que por ti andam pasmados,
Sonham ser os teus amantes,
E a sonhar fazem peccados.

Eu, por mim, só de fallar-te
Sinto-me em chammas a arder:
Qualquer noite vou raptar-te,
Que sem ti não sei viver.

Ella então, com voz maviosa,
Disse assim ao bardo triste:
"Podem colher uma rosa,
Que, por débil, não resiste.

“Se as rosas tivessem azas
Quem no mundo as colheria!
Debalde por mim te abrazas,
Que sou Filha de Maria.

“E seria uma loucura
Perder a ethérea morada,
Por uma paixão impura,
Que a ti proprio te degrada.

“Adeus, pois. Eu sou sincera
E tuas penas lamento;
Mas, amigo, considera
Que a vida dura um momento.,”

E fugindo, ao vel-o afflicto
Disse-lhe ainda, de longe:
“Deixa o mundo, D. Juanito;
Toma assento, faz-te monge.,”

N'um album

(DE D. ESTHER NOGUEIRA SOUTO).

Tu és eximia na arte
De Madalena Lemaire,
Que em suas telas prefere,
O cravo, o rosa, o lilaz.
Se desejas elevar-te,
E se seguil-a te apraz,
Pede-lhe, a ella, a palêta,
E pintando uma violeta,
O teu retrato farás.

Madrigal

Dos ceus um anjo fugira,
Causando aos astros surprêza:
Tinha os olhos de saphira,
E era o anjo da Belleza.

«Vão prendel-o, parta alguém,
Diz S. Pedro em grande berra,
Que dous ceus não nos convem,
Um aqui, outro no terra.»

Confronto

Para fazer um confronto,
Eu fui beijar uma rosa.
O que senti não to conto,
Que não te quero vaidosa.

Mas, se alguém mo perguntasse,
Menos tu, que tens malícia,
Eu talvez lho revellasse:
“No seu rôsto, que delícia!.,

Mater amorosa

Não te posso dizer, com segurança,
O que em ti mais adoro, terna amiga:
Se esse teu corpo, uma escultura antiga,
Se a tua alma gentil, de pomba mansa.

Tudo hei pesado na ideal balança
Do pensamento. Inutil, vã fadiga!
Teu corpo esbelto a adorações obriga;
É-me a tua alma um iris de bonança.

Que divina! Translúcida, comporta
Todo um mundo de amor e de poesia,
Alma que a minha aos ceus azues transporta.

Ouve, e o mundo se quizer, que ria:
“Se não fosse magoar uma que é morta,
Para minha mamã te quereria!.,

O defunto

A GOMES LEAL.

Jaz estendido no caixão funéreo
O cadaver do mísero operario.
Na vida, caminhando incerto e vario,
De tabernas fugia, grave e serio.

Era um temente a Deus, e no mysterio
Dos bosques se aprazia, solitario.
Hontem morreu, e envolto no sudario
Vae enfim repousar no cemiterio.

Fóra, chovia, e o sibilar dos ventos,
A voz d'um môcho que nas trevas pia,
A ais se uniam, sepulcraes accêntos ;

Em contorsões, a viuva se carpia,
E em meio d'esses tragicos lamentos.
Sómente a alma do defunto ria.

Aquelle amor

Morreu, quasi repentino!
Tive sempre a sorte avêssa!
Não mais levanto a cabeça:
Tal o quiz o meu destino!

Amor assim, tão divino,
Não ha mulher que o mereça:
Deus de ti se compadeça,
Se o merece um assassino.

Andavas junto dos astros
Nas azas dos elogios
De quem te amava de rastros:

Mas, offendeste-o em seus brios!
Volta agora aos teus poetastros,
Volta, pois, aos cães vadios.

Faminta

A EMYDIO DE OLIVEIRA.

Eu olhava-a assombrado, compungido.
Tinha nos olhos a expressão magoada
D'um mendigo que pede, n'uma estrada,
Esmola a um caminhante apercebido.

—“Tens fome?„ Respondeu-me n'um gemido:
—“Uma fome cruel, de ser amada;
“Ólho em tórno de mim, não vejo nada,
“Não vejo um coração compadecido.

“Ai! pudesse eu, o mundo abandonando,
“Como Paulo o eremita, ou S. Pacomio,
“N’uma caverna, achar allivio, orando!

“Irei morrer talvez... n’um manicomio!,,
Rápido então, meu coração tirando:
—“Toma, eu lhe disse, mata a fome: come-o!,,

Anthero de Figueiredo

A ELLE PROPRIO.

Eu sou nos meus assumptos pertinaz:
A mulher, eis a musa que me inspira;
Para machos não tenho sons na lyra;
Mesmo um rei, como thêma, não me apraz.

Mas, como á perna a critica mordaz
Me ladra, e uma excepção não dá nem tira,
D'um fallarei que ao templo augusto aspira,
E com denôdo o seu caminho faz.

Não tem a face mésta d'um trappista;
Tem, ao contrario, uma expressão risonha,
Quasi que a d'um burguez, mas do qual dista

Como d'um copo d'agua um de Borgonha.
Largo talento: uma alma ideal d'artista.
Vive entre nós, mas é no Além que sonha.

Consolação

A GUERRA JUNQUEIRO.*

Eu fiz da vida um plácido remanso:
Vivo cantando, como o ancião de Cós.
A acção do tempo não me afrouxa a voz,
E para o ignoto alegremente avanço.

Compara as nossas vidas: eu, descanso;
É triste o teu viver, sem paz, atroz!
Parece a morte, ao longe, um leão feroz;
Ao perto é outra: um cordeirinho manso.

Para que a receias, pois, e te lastimas?
O varão forte vence a dor, não chora;
Volta ao violão jucundo, ás tuas rimas.

Volta ao viver antigo, sem demora;
Que quanto mais da noite te aproximas,
Mais te aproximas do esplendor da aurora!

A triste cousa

A ALBERTO PIMENTEL.

Elle era trovador, e não obstante
Julgava o amor ethéreo uma mentira,
Assumpto apenas necessario á lyra,
E só ao natural amou constante.

Cançado, como um velho caminhante,
Mortiço o fogo da amorosa pyra,
Eis o que respondeu á doce Elvira,
Que insistente o queria por amante:

“Debalde o amor n'esse teu peito arde.
Vales mais do que as minas do Perú,
Mas eu não posso amar-te: agora é tarde.

“Eu vou no occáso; estás na aurora, tu:
Illudir-te seria de covarde:
Eu proprio não me atrevo a olhar-me nú!,”

Dúvidas

A D. CAROLINA MICHAELIS.

—“De que me vale a força de vontade,
Uma existencia de incessante lida,
Se a má sorte, que a entrar ninguem convida,
Não mais nos deixa em paz, se nos invade!

“Eu luto de contínuo, e n'esta idade,
Em meio do caminho d'esta vida,
Já nem vejo a ventura apercebida,
O sonho, as illusões da mocidade!

“Serei sempre infeliz, até que morra?
Eu não peço a riqueza, essa distingo-a
Como luz que se vê d’uma masmorra.

“Dia por dia, cresce a dor, a mingoa,
E em vão imploro a Deus que me socorra!.,
—“É que talvez ignore a tua lingua!.,

Incorruptivel

A VICENTE RODRIGUES MONTEIRO.

Fez transito, inda ha pouco, desta vida
Lá para o Além, para a mansão dos justos,
Um íntegro juiz, dos mais augustos
De que esta boa terra está provida.

Tinha a sciencia dos textos, aprendida
Em Paiva e Pôna, e em códices vetustos:
O seu voto, feroz, causava sustos
Aos novos, que levava de vencida!

Um a mais no seraphico agiologio
Dos varões santos d'este reino antigo!
Faça-lhe quem pudér o necrologio!

Só conto um facto que se deu commigo:
Roubou-me, por sentença, o meu relógio,
Mas... por simples obsequio a um seu amigo.

Antonio Nobre

Um simulacro de ventura é quanto
Deus nos concede, a nós, os filhos d'Eva.
Os castellos no ar, o vento os leva,
E sempre ao riso se succede o pranto.

Os sonhos côr de rosa, o nosso encanto
Por essa vida em fora, a mais longéva,
Ou não se alcançam, ou logo surge a treva,
Que os envolve nas dobras do seu manto.



Para o poeta do *Só*, uma casinha
N'uma duna arenosa á beira-mar,
E lá dentro uma loira, e uma sardinha

Sobre um náco de brôa, por jantar,
Era todo o ideal, que n'alma tinha,
E da vida partiu, sem no alcançar!

Desagravo

(A D. ZULMIRA DE MELLO)

“Oh virgem, mãe de Deus, de pranto inundo
Este meu peito em ais, acérbo pranto!
A vossos pés, tremente, a voz levanto
Por um crime nefando, sem segundo.

“Que mágoa a vossa! que peccado immundo
O d’esse vil, do proprio inferno espanto,
Que ao seu cão pôz o nome sacrosanto
De vosso filho, o salvador do mundo!.,

Uma virgem, da terra, assim dizia
Á dos ceus, e talvez por illusão:
“Esse infeliz, lhe respondeu Maria,

“Não merece castigo, nem perdão;
Inconsciente não soube o que fazia:
Baste-lhe o nôjo que elle inspira ao cão.”

Anthropóphago

A CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Vaes partir para longe, e não sei quando
Tornarei, venturoso, a contemplar-te.
O que me prende a ti? O amor à arte
Porque és bella, um affecto doce e brando.

Chegou a primavera, e o alegre bando
De andorinhas já se ouve em toda a parte.
Mas, que importa, se um fica e o outro parte,
Se eu fico, como um Tántalo, chorando!

Ver-te longe de mim, que atroz supplicio!
Mas, será este affecto imaginado?
Oh! não, não pode ser, não é ficticio.

Tenho-te muito amor, anjo adorado,
Tenho fome de ti, mais que um Apicio
Em seu triclinio, ante um faisão doirado.

Segundo S. Matheus

Pintado e repintado, n'essa idade,
Na do limite, no dizer d'agora,
Deixa a hedionda mulher, que te devora,
E te expõe aos motejos da cidade.

Eu não te digo que te mettas frade,
Que uma vida nas sombras apavora;
Mas, como o rei de Thule, deita fora
O pando cangirão da mocidade.

Não lês senão romances, mas também
Devêras ler um pouco os Evangelhos
Que nos conduzem suavemente ao bem.

No mundo, ninguém segue os bons conselhos,
Mas ouve o que diz Christo: “Não convem
Vinho novo metter em ôdres velhos.”

Narcisa Holtreman

A BERNARDINO MACHADO.

A varíola, o mal que desfigura,
Que dolosa, destroe a louçania
Do rosto mais gentil, prostrou-a um dia
No leito, que era ha pouco o da ventura.

No delirio impiedoso, que a tortura,
Já branca e morta no caixão se via,
Mas o sabio, que a febre lhe vigia,
Risonho, um dia, a vida lhe assegura.

9

Sorri, ao ver fugindo a morte aziaga,
E surgente d'um mal que já nem sonda
De voltar ao prazer a idéa afaga.

O seu espelho quer; que não lho esconda
Á sua aia diz; quer que lho traga,
E de súbito expira. . . ao ver-se hedionda!

Idealismo e positivismo

—“Como essa Laura antiga foi cantada!
Como n’um tronco um terno amante o grava,
Petrarcha o nome d’ella eternisava
Vibrando a ebúrnea lyra enamorada,

“Ora em doce, melancolica toada,
Ora em versos ardentes como a lava!
É por um poeta assim que eu desejava
Ser em poemas erguida, e ser amada.

“E és para mim tão frio, D. João!
És sempre o mesmo; ou haja sol ou chova
Não muda a tua voz de diapasão!

“Nada teu labio diz, que me commova!
“Dizes?,”—“Pois, sim; direi, mas aqui não.”
—“Porquê? Onde ha de ser?,”—“Na tua alcôva.”

Reconhecimento

A EDUARDO BURNAY.

Não queiras perscrutar esse mysterio,
O problema da Causa do que vês.
Revela a mais absurda insensatez
Quem ousa submettel-o ao seu criterio.

¿ Acabamos ali, no cemiterio,
Como no matadouro acaba a rez?
Morre a alma tambem? Será talvez
A vida um sonho vão, atroz, funéreo?

Eu d'aquelles não sou, que se consomem,
Como Oedipos, atraz d'uma illusão.
Mas, enfim, por descrente não me tomem,

Que no dia fatal da transição,
Graças darei a Deus, que me fez homem,
Podendo ter-me feito . . . aranha ou cão.

A viuva triste

—“Essa dor, que em suspiros se desata,
O lance de hontem, lúgubre e pathetico,
A mim não me commovem, que prophetico
Previ de teu esposo a sorte ingrata.

“Eras no teu amor uma insensata,
Uma lôba faminta: elle, um poetico!
Mesmo, quando rapaz, era esquelético,
E a vida intensa não vae longe, mata.

“É agora feliz. N’outra mansão
Foi a sua alma procurar asylo,
E, pelo que soffreu, terá perdão.”

“Nem mais lagrimas vertas, que tranquillo
Em breve sentirás o coração.”
—“É que eu estava acostumada áquillo!”

A Deusa Razão

A ANTONIO CANDIDO.

Aos pés de Deus, que na suprema estrélla
Escuta as almas que dos mundos vão,
Em lagrimas, implora o seu perdão,
Uma triste mulher, outrora bella.

—“E quem és tu, mulher?,”—“Eu sou aquella
Que de Paris na horrenda convulsão
Eleita deusa fui: Deusa Razão;
Luz resurgente em meio da procella.



“Tive a grande cidade por igreja,
E conheci a gloria, esse elixir
Que a prole humana, sempre em luta, inveja.”

— “E no planeta, donde dizes vir,
Sabe alguém a razão do quer que seja?,”
E Deus, dizendo assim . . . morreu a rir.

In favilla

Um, era Eduardo iv, o poderoso
Imperador, o rei da Gran-Bretanha.
Na batalha da vida, sempre ganha,
Só horas teve de triumpho e gôzo.

Outro, era um bom burguez, baixo, adiposo,
Um marido exemplar, que como aranha,
Sua vida teceu, em bens tamanha,
Que passou de avarento a generoso.

Era o terceiro, a face sempre mésta,
Um que vivia de fazer carrêtos:
Uma fadiga obscura, atroz, funesta.

Não lhes valeram preces, amulêtos:
A mesma hora os levou. D'elles que resta?
Uma cousa indistincta, uns esqueletos.

Antes e depois

Quantos sabios ouvi, repotreados
Em velhas cáthedras, como elles velhas!
Tal como, gota a gota, cáhe das telhas
A chuva que se escôa dos telhados,

Assim de suas bôcas, sublimados
Me cahiam, no vácuo das orelhas,
Seus verbos, que, refulgidas centelhas,
Me ficavam no espirito gravados!

De taes sabios nem tudo morre e finda:
Morre o corpo talvez. Subtis, ligeiras
Ficam as almas na amplitude infinda!

Evapora-se o môfo das cadeiras:
O saber, esse não: persiste ainda
Symbolico, no ôco das caveiras!

A paga

“A teu lado que são (de mão no peito
Eu lhe disse) as formosas Magalonas,
As Lauras, a que em rústicas sanfonas,
E em lyras, tanto vate rendeu preito?

“Eu devera calar-me, por suspeito:
Mas, nas fórmãs rival das amazonas,
És no rosto mais linda que as madonas
Que a Italia nos pintou, ideal perfeito!

“Este globo, sem ti, fôra um deserto,
Nem mais bella mulher no mundo existe!
O ceu é onde estás, um ceu aberto!

“Dá-me um beijo, que a mim ninguem resiste.”
Deu-mo, pois quem passava ouviu decerto
Um som de palma n’uma face triste.

Sem peccado

A culpa é minha só. Quasi em demencia
Não me pude vencer, e tu, coitada,
Toda fóra de ti e desvairada,
Nem pensaste sequer na resistencia!

Vae-nos correndo plácida a existencia
Como n'um lago azul, e inesperada
Vem, não sabemos d'onde, uma rajada
Que nos destróe e afunda sem clemencia.

É uma triste lei. Mas encoberta
Jaz a falta, que choras pesarosa:
Não chores mais, d'esse penar liberta.

És uma excepção rara, deleitosa:
No corpo és uma rosa, um pouco aberta,
Mas, na alma, um ideal botão de rosa.

Impenitente

Bate-me á porta a coxa Decadencia!
Pois que bata: não lhe abro, com certeza.
Lutarei contra as leis da natureza,
Embora o vulgo ria, e ria a sciencia.

Após esta, haverá outra existencia:
Nada pois de chorar. Contra a tristeza
Tenho as recordações, o verso e a mesa,
Tenho do amor a perfumada essencia.

Mas, as minhas loucuras! que saudade!
Sempre jucundo, como outrora um rei,
Era um demonio vivo na cidade!

Hoje, cahiu-me um dente: se chorei!
Quem me dera voltar á mocidade,
Para voltar á vida que passei!

Jean qui pleure et Jean qui rit

AD SODALES.

Em toda a face da terra
Outro como eu nunca vi,
Contra penas sempre em guerra,
Era bem o *Jean qui rit*.

Era assim n'aquella edade
Em que amor a vida enflora.
Mas, vae longe a mocidade...
Sou o *Jean qui pleure*, agora.

O fim

Já não tenho inspirações:
Debalde na tinta banho
A minha nervosa pluma!
Era pastor d'illusões,
E de todo o meu rebanho
Já não me resta nenhuma!

COLOMBINĀ



COLOMBINA

É MATERIA assente que os por nós impropriamente chamados irracionaes têm faculdades emotivas: amam, odeiam, têm antipathias e sympathias, alegrias e tristezas: são factos por todos observados, e até scientificamente verificados por todos os escriptores que, realmente sem elevação philosophica, se têm occupado da psychologia dos animaes.

Tambem é materia averiguada, que entre animaes de certa especie e os de outra, ha odios, antipathias innatas, cujas causas determinantes são ainda hoje um mysterio. Assim, o gato odeia o cão: todo se arripia e encrespa, formando dorso de camêlo, cheio de horror, ao contempla-lo; o espadarte detesta a balea, e esqualo relativamente pequeno, não deixa esse enorme cetáceo sem o destruir; o tanjasno não pode ver o jumento: *rostrum et unguibus*, espicaça-o, morde-o, arranca-lhe o pêllo; e, finalmente, para não alongar demasiadamente este relatorio, a coruja odeia o homem: com os olhos accêsos em ira, bufa-nos, quer morder-nos, morde-nos. Do mesmo modo, como ha antipathias entre as especies, ha sympathias, e

até profundo sentimento de amizade, como, por exemplo, entre o cão e o homem: o de Ulysses morre de alegria, segundo Homero, ao vel-o depois de vinte annos de ausencia, e muitos se têm deixado morrer de fome e de tristeza junto ás campas que encerram aquelles de quem foram companheiros em vida.

O que, porém, ainda não foi discutido e estudado é se entre um animal de especie inferior e outro de especie superior pôde existir um sentimento que, pela sua natureza especial, como a paixão do amor, não pode, á primeira vista, existir senão entre seres da mesma especie.

Poderá, por exemplo, uma gata ter por um homem um como que amor de mulher?

Póde, porque eu mesmo fui assim amado por nada menos de tres.

Referirei um só d'esses casos, absolutamente authenticos, e presenciado por diversas pessoas.

Antes, porém, estabelecerei alguns principios, que esclarecerão toda a materia que vae ser objecto d'este ligeiro escripto.

Esses principios não são meus senão quanto á especialidade das suas conclusões: são os em que assenta a religião ou philosophia de Buddha.

Todo o homem tem de viver tantas existencias quantas sejam necessarias para que expie, pela dor, as faltas e peccados das existencias anteriores, e a sua alma, assim purificada, dispa os involucros mate-

riaes, ascenda á vida eterna, ao Nirvana, e se substancie na Alma suprema, em Deus.

Esta philosophia, que está sendo adoptada por muitos espiritos superiores, não é, como á primeira vista poderá suppor-se, a da transmigração das almas: n'esta philosophia, a alma d'um ser que se extingue passa para outro já existente, o que não pôde aceitar-se por absurdo; na do buddhismo já assim não succede: a alma livre do seu involucro carnal, aggrega a si, pela força, intelligencia e sensibilidade que a constituem, novas substancias rudimentares, que a collocam em condições de, quando o momento psychologico lhe chegue, segundo as determinações de Deus, entrar n'uma nova existencia orgânica.

Seria necessario que a nossa misérrima intelligencia fosse a propria Intelligencia infinita para que podessemos determinar e fixar a lei a que obedecem as transformações materiaes dos seres, quanto á sua forma exterior, inherentes á pena da expiação, e ás suas novas condições de vida. Não me parece, porém, desarrazoado, e isto o apresento como simples postulado, ainda assim apoiado em factos experimentaes, assentar como lei divina das resurreições buddhistas, que, se um ser cumpre em absoluto a lei da expiação, morre, mas não torna a nascer, porque entra na vida espiritual eterna; se só a cumpre em parte, tem de soffrer uma nova existencia, mas sob uma forma mais perfeita, e talvez n'um mundo superior: é a ascensão

aos ceus, de que falla Christo; se, finalmente, a não cumpre ou a nega, soffrerá ainda outra existencia, mas sob uma forma inferior, em que o soffrimento seja mais intenso, e talvez n'um mundo peor: é a descida aos infernos, *ad inferos*, de que falla o Velho Testamento.

Assim, e segundo estes principios, póde muito bem succeder, e realmente succede, que um ser que actualmente tem o aspecto d'um homem, fosse na sua anterior existencia um simples jumento que cumprisse a lei; e pelo contrario, que um jumento já tivesse attingido, anteriormente, a fórma, relativamente superior, do chamado rei da criação.

Factos estranhos, constantemente observados por sabios que olham ao largo e ao alto, mas que têm dado origem a systemas erróneos, como o de Darwin, factos para elles obscuros, mas para os verdadeiros adeptos claros, levam-nos á conclusão de que para a nova forma dos seres passa o quer que seja da sua existencia anterior, não só quanto ao aspecto, mas tambem quanto a certas idiosyncrasias.

Assim, nada mais vulgar do que encontrarem-se animaes da nossa especie, com traços bem caracteristicos em suas figuras de animaes inferiores, como de corujas, chimpanzés, bull-dogs, fuinhas, e de muitos outros; e até com muitos dos seus hábitos. E porquê? porque o foram.

Assim, póde, por exemplo, affirmar-se que os que

se entregam á arriscada profissão de gatunos, foram pégas; os Tenorios, macacos; os oradores, papagaios; os poetas, rouxinoes, ou gralhas, segundo as circumstancias.

Eu, pelas observações que tenho feito recahir sobre a minha propria pessoa, pertenci, n'uma das minhas existencias anteriores, á raça felina: gato, tigre, leão? Do estranho acontecimento que passo a narrar, e a que já me referi, alguma cousa poderá concluir-se a este respeito.

Havia, e supponho que ainda ha, em Coimbra, um largo solitario, chamado das Olarias. Era ahi que o illustre Campos, o Homem do Gaz, tinha a já agora lendaria taberna. Este importante estabelecimento, onde unicamente se vendia o sumo da uva, sem vitualhas, estava dividido em duas partes distinctas e separadas. N'uma, vasta quadra, com uma mesa de castanho ao centro, e um bico de gaz por cima, só eram admittidos estudantes, quasi sempre os mesmos, porque, pela sua categoria academica, pelo seu renôme, e medo que inspiravam, affastavam os outros;—a exposição ao consumo publico era na outra, mas essa mesma era frequentada por homens distinctos ou conhecidos, como o Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*, o Anastacio, do *Braz Tizana*, o Herculano Santa Barbara, um dos primeiros tacos da provincia, o Galeão, que fazia a barba têsá ao Gargántua de Rabelais, o tenor Portugal que por vezes fazia ouvir al-

gumas arias do seu repertorio, pouco selecto, e diversos outros. Estas duas secções nunca se communicavam, mas Campos, que todos estimavam pelas suas bellas qualidades, e respeitavam pela sua força hercúlea, permittia ás vezes á segunda, que pela entreaberta da alta porta divisoria, ouvisse as terriveis discussões da primeira. Muitas vezes eu vi ali a luzirem os grandes oculos de prata de Martins de Carvalho.

Campos tinha uma bonita gata branca, de raça, chamada Colombina, e que elle tinha em grande apreço. Como gostei sempre de gatos, pequenos tigres em miniatura, pelos seus distinctos habitos independentes e nobremente egoistas, quando ella apparecia, punha-a em cima da mesa, acariciava-a, coçava-lhe a cabeça, e quando me sentava para ler os jornaes, collocava-a no sofá dos meus joelhos. Ali, fazia o seu ninho, mas logo, inquieta, estendia-se-me pelo peito acima, e ficava-se a olhar-me com um olhar estranho, prescurtador. Para breve, certos movimentos, certas manifestações mysteriosas de Colombina chamaram todas as minhas attenções: passei a observal-a como philosopho. Logo que eu apparecia na vasta quadra, em que eu muitas vezes era o unico conviva, apparecia ella, e quantas vezes eu andava d'um lado para o outro, costume proprio de doentes imaginarios, segundo Moliére, tantas vezes me seguia como um cão, miando, de quando em quando, com doçura. Se eu parava, roçava-se-me voluptuosamente pelas pernas, de cauda

erguida, e como de ordinario, em gatos, este movimento representa um pedido de virtualhas, uma noite, em que ella assim se roçava por mim, chamei o Campos.

— Colombina quer comer.

— Qual! respondeu o colosso: tem o papo cheio: ainda ha pouco manducou uma boa sopa de leite.

— Então, que quer ella? Ora veja.

E puz-me a andar d'um lado para o outro.

— Parece um cão atraz do seu dono, ponderou o homem. É exquisito! O que é certo, continuou elle, é que nem de dia, nem de noite, a vejo; não sei onde se mette, mas logo que o senhor doutor apparece, surge ella, de repente, não sei d'onde, e ninguem a tira d'aqui. Naturalmente, concluiu o bom do homem, ganhou-lhe amizade, mas que amizade!

Eu, porém, suspeitava outra cousa, e as minhas suspeitas em breve se transformaram, em resultado d'um estudo mais attento da enférma, n'uma irrecusavel certeza.

Quando eu, depois dos meus passeios de cá para lá, me sentava á larga mesa central, de que fallei, e ahi estendia, para o ler, o *Diario Popular*, logo Colombina, d'um salto, me surgia defronte, aninhava-se sobre o proprio jornal, e na postura da antiga Esphinge, se embebia na contemplação do meu rosto.

Nos seus bellos olhos, d'um verde glauco, via eu uma expressão estranha: a d'um profundo amor femi-

nil, expressão em que havia o quer que seja de vago, como a de quem olha para um passado longinquo, feliz. Que leria ella em meus olhos? Que mysterio tentaria decifrar?

Depois, como movida por um impulso interno, irresistivel, perdido todo o recato, todo o pudor feminino, formava de subito um pequeno salto, e roçava voluptuosa o seu delicado rosto pelo meu. Eu, longe de a repellir, acariciava-a, olhava-a compadecido, porque bem sabia o que se passava n'aquella pobre alma enamorada.

Colombina, porém, queria mais, e o modo como o revelou, causou-me uma extraordinaria surprêsa, porque, apesar das minhas ideas, que expuz no principio d'este rapido estudo psychologico, nunca tinha imaginado que em entes, aparentemente inferiores ao homem, a paixão do amor atingisse a intensidade de que até agora só se julgavam susceptiveis as nossas fêmeas, as grandes amorosas, como (além da infirmitade das anonymas) Francesca de Rimini, Clarisse Harlowe, Heloisa, Cleópatra, a Alcoforado, e tantas outras de que resa a chronica e a lenda.

Ao fundo do vasto salão, porque assim se lhe podia chamar, havia uns caixotes vasilos, sobrepostos, e que me chegavam á altura da cinta. Quando eu, nos meus passeios de cá para lá, chegava até junto d'esses caixotes, Colombina, que me seguia, saltava rapidamente para cima, e soltando umas pequenas vo-

zes como de quem soffre, e em que havia supplica, aninhava-se para que eu mais suavemente a acariciasse. Eu bem percebia os seus intimos desejos, mas, pela força maior das circumstancias, via-me na necessidade de representar o lamentoso papel de José do Egypto!

Repetia-se isto todas as noites, sem que ella uma só vez desanimasse, sem que desistisse do seu intento: o seu pensamento de todas as horas, o ideal, decerto, da sua alma apaixonada.

Mas, estava para breve o desenlace fatal d'este poema d'amor.

Foi n'uma noite aziaga. Cahira sobre a cidade uma terrivel tempestade. Os relampagos, quasi ininterruptos, dardejavam pelas frestas, e por baixo das portas uma luz branca, sinistra. Os trovões semelhavam, por vezes, o estrondo que faria a abobada celeste ruindo em estilhaços sobre os tectos das casas, e em meio d'esse tremendo cataclysmo, ouviam-se as vozes confusas da natureza agonizante: gemidos de moribundos, uivos de monstros longinquos, silvos de serpentes: todo o horror dos sons que, em noites funestas, sahem dos antros do inferno.

N'essa horrivel noite, em que não obstante e segundo o meu costume, eu me assentava para ler o *Diario Popular*, e em que Colombina, tambem segundo o seu costume, se aninhava irreverentemente sobre o artigo que eu me propunha ler,—sem reflectir, enervado, repelli-a brutalmente:

— Safa-te d'aqui!

Mas, logo me arrependi, indignado contra mim mesmo.

Tenho ainda impresso, em minha alma, o olhar que ella me deitou: havia n'elle a expressão d'uma dolorosa surprêza, de exprobação. Depois, vi apagar-se-lhe nos seus bellos olhos como que a luz interior que os animava.

Desceu da mesa, silenciosamente. Chamei-a, com doçura: "Colombina, Colombina!," — mas de balde.

Ao transpor a porta, ainda se voltou, olhando-me demoradamente. Depois, desapareceu.

Nunca mais a tornei a ver.

Passados tres dias, Campos irrompeu furioso:

— Não sabe? vociferou elle, mataram-me a Colombina!

— E quem a matou? perguntei eu, dolorosamente surprehendido.

— Os oleiros. Só elles seriam capazes de o fazer. Como os coelhos são caros, comem todos os gatos da vizinhança. Ha tres dias que ella não apparece. Está morta, e bem morta. E comtudo eu tinha dito que se alguém a matasse não me sahiria vivo das mãos! Pobre Colombina!

Eu, porém, com o coração oppresso pelo remorso, pensava outra cousa. Não, Colombina não fora assassinada: suicidara-se na noite funesta em que indignamente a repelli. O seu olhar, ao transpor a porta, foi

o seu ultimo adeus. Perto, corria o Mondego: foi ali que ella, offendida nos seus brios, e perdida toda a esperanza de ventura na terra, se lançou. Desditosa Colombina!

Durante tres dias examinei attentamente a margem do rio, para ver se descobria os vestigios dos seus passos, e, effectivamente os descobri, mais accentuados na terra humida, onde ella, para formar o salto mortal, se firmara.

O seu corpo, porém, esse, não appareceu. Queria piedosamente sepultal-o junto d'um arbusto florido, para que, emquanto a sua alma gentil esperasse nas sombras do infinito a hora da sua resurreição para uma nova existencia, purificada pela acção mysteriosa da natureza, desde logo entrasse na vida geral da criação, constituísse o involucro de mil outros seres.

A onda tranquilla do rio, porém, pouco avara do seu thesouro, a foi levando, nova Ophelia, como n'um berço de espuma, para os abysmos do profundo mar, menos profundo que o seu amor.

Colombina não cumpriu a lei da expiação, por que a sua paixão era mundana, mas, por esse mesmo amor, soffreu dores acerbadas, e a dor resgata e redime. Deve, pois, soffrer ainda uma nova existencia, mas sob uma forma superior, a d'uma encantadora mulher.

E quantas vezes, em noites silenciosas de luar, meditando incerto sobre os problemas do universo, eu me fico a pensar se a alma de Lydia, tão mysteriosamente apaixonada, será a da desditosa Colombina!

Ella, uma vez, disse-me:

— “Tenho como que uma consciencia vaga de que já nos amamos n’uma existencia anterior.”

E mais tarde:

— “Tenho quasi a certeza!,”

E, sem saber porquê, baixou honestamente os olhos, tingiram-se-lhe da côr ardente d’uma rosa as suas faces, brancas de neve.

Tambem as minhas assim se tingiram, ao lembrar-me de que Lydia, por uma pallida visão retrospectiva, poderia recordar-se, embora indecisa e vagamente, das scenas, em que, pela força maior das circumstancias, me vi na necessidade de representar o lamentoso papel de José do Egypto!

12-XI-1905.

NOTAS

I

Desceu, ha pouco, sobre nós, um decreto, emanado do Governo da Republica, que importa uma alteração profunda na orthographia da nossa lingua, de modo que temos actualmente duas: uma, a etymologica, aquella em que Herculano, Garrett, Castilho, Rebello da Silva, Latino Coelho, Camillo, e muitos escriptores do seculo passado escreveram os seus livros; e outra, a phonetica, a official, aquella em que, desde ha muito, as nossas costureiras escreviam as suas cartas de namôro.

Essa, a official, só é obrigatoria para certos amanuenses e funcionarios publicos, em documentos officiaes, ou extra-officiaes, para professores primarios, e para os seus alumnos, nos exames a que tenham de submetter-se.

Para outras quaesquer pessoas, e sobretudo para os homens de letras, não.

A propriedade litterária, comprehende não só as ideas d'aquelle que produziu a obra, mas tambem, e principalmente, a fórma de que as revestiu. Os textos, comprehendendo essas duas cousas, são propriedade absoluta do autor, e, em vida d'elle, e de seus successores, a ninguem é licito fazer-lhes qualquer alteração. A modificação, portanto, da orthographia que um autor adoptou para os seus escriptos, modificação feita sem sua autorisação, embora autorisada ou ordenada por decretos ou leis, importaria realmente uma offensa aos legitimos direitos de propriedade litteraria, e poderia até dar origem a acções de restituição e de

indemnização de perdas e danos: de restituição á sua orthographia; e de indemnização, pelo descrédito que poderia advir ao autor, por lhe ter sido attribuida uma orthographia, que não julgasse propria de um verdadeiro philólogo.

Temos, pois, repito, duas orthographias completamente distinctas, e foi até pelos inconvenientes que d'um phenomeno semelhante poderia resultar para a lingua franceza, que, em França, pelo Conselho Superior de Instrução Publica foi regeitada a proposta da Commissão de Reforma Orthographica, em sessão de 5 de julho do anno preterito.

Concordou: «em que seria conveniente que desaparecessem da orthographia actual certas extravagancias e anomalias desde ha muito assignaladas, e que eram difficeis de justificar aos alumnos; considerou, porém, que qualquer reforma de orthographia immediatamente applicavel nos estabelecimentos publicos de ensino, não produziria effeito completo senão alcançando ser bem acceita por todos; e, considerando ainda que no estado actual da opinião publica, muito discordante a este respeito, os estabelecimentos de ensino livre, a imprensa e os escriptores, os bancos e casas de commercio, não pareciam dispostos a accuitar as correccões propostas; a secção permanente era de opinião de que se adiasse indeterminadamente o voto da Commissão, porque d'aquella dualidade resultaria uma confusão prejudicial á lingua franceza, e prejudicial tambem aos alumnos das escolas publicas., O ministro adoptou essa opinião (*Bulletin administratif du Ministère de l'Instruction Publique*, n.º du 23 décembre 1911, pag. 1309).

Em que atraso se acha ainda, a esse respeito, e a muitos outros, o bello paiz de França!

Entre nós, já assim não é. As duas grandes linguas mundiaes, o francez e o inglez, permanecem immutaveis, com todas as suas letras dobradas, com as mudas que, aparentemente, não servem senão para adôrno, com todas as suas elisões e irregularidades!

E então, tudo caminha, tudo progride, e só as linguas deverão estar estacionarias?

Não; poderão ser enriquecidas com vocabulos novos, poderão até ser modificadas, comtanto que se não alterem nos seus principios fundamentaes, no genio proprio da lingua, e se lhes não altere o aspecto artistico, transformando-o n'uma cousa grotesca, que faça rir, e que, por vezes represente um enyigma para o vulgar dos leitores, que estejam costumados á orthographia antiga, secular.

Mas, vamos á origem remota do desastre. O meu illustre confrade Candido de Figueiredo iniciara, ha tempos, nas suas preciosas *Lições practicas*, uma cruzada contra a ignorancia que desde ha muito se notava, nas letras patrias, dos mais rudimentares principios da orthographia, e o seu montante cahia, como o de Godofrêdo de Bouillon, a tôrto e a direito, sobre a cabeça dos infieis.

Essa cruzada, ainda que não produzisse outros beneficios, produziu o de chamar a attenção do publico, mais ou menos letrado, para uma cousa em que ninguem pensava; por outro lado, porém, lançou a perturbação nos arraiaes contrarios, resultando d'ahi o ficarem as consas n'um estado peor que o anterior.

Garrett, no prefacio da primeira edição do seu maravilhoso poema *Camões*, diz estas palavras: "Sobre a orthographia (que é força cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etymologia *em razão composta* com a pronuncia; que accêntos só os puz onde sem elles a palavra se confundiria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais acertado, apenas haja algum geral e racional em Portuguez: o que tão facil e simples seria se a nossa Academia e governo em tam importante coisa se empenhassem."

O systema de Candido de Figueiredo assenta, ao que parece, na sua generalidade, n'aquella mesma *razão composta* do glorioso poeta, porque, sem pôr totalmente de parte a etymologia, assenta, como principio fundamental, a pronuncia, suppondo que



a palavra escripta representa a dicção articulada. Esse systema, o de Garrett (que apesar das suas palavras, o não seguiu, porque escreve, por exemplo, rôlla, malditto, e outras phantasias n'este genero) e o de quasi todos os que se têm occupado d'esta materia, assentam n'um principio absolutamente falso.

A demonstração summaria d'esta these, que a muitos parecerá paradoxal, fica para mais logo, porque, antes e por uma razão de methodo, me parece necessario explicar as palavras que acima proferi: "um dos effeitos da cruzada, emprehendida por Candido de Figueiredo, e por elle levada a cabo victoriosamente, como era de esperar da sua valentia intellectual, fôra lançar a perturbação nos arraiaes contrarios.,,

O illustre philólogo, sob pretexto de que na lingua latina não havia o z, o que não me parece exacto, porque esta vigorosa letra já existia no alphabeto romano no melhor seculo, tem por ella a mesma anthipatia que, segundo se diz, o tanjasno tem pelo burro; não a admite senão em certos e determinados casos. S e Z tem sons diversos, como cada um póde verificar em si mesmo, sem ser necessario que recorra a estudos especiaes de orthoépia, e só por convenção é que áquella, quando intervocálica, se attribue a vibração sibilante d'esta.

É, pois, de estranhar que os amadores da phonetica, desprezadores da etymologica, incoherentes com os seus proprios principios, lancem o anathema ao pittoresco z, repellindo-o da maior parte das palavras em que elle existia ha seculos. Que importa que o subfixo ez, de francez, inglez, etc. venha do latino *gens*? A nossa lingua é a latina?

Se os latinos não tinham o z, temol-o nós. A nossa subfixa, para aquelles e casos semelhantes, é, por convenção secular, *ez*, e, por isso é, a meu vêr, um êrro intoleravel, querer substituil-o pelo subfixo de uma lingua morta ha centenas de annos. As palavras são monumentos dos mais antigos, e monumentos não se alteram. Um quadro de Raphael não se retoca, não se modifica; as volutas das columnas, os astragalos de velhos edificios archi-

tetonicos, conservam-se religiosamente sem se lhes tocar, e qualquer alteração que ahi se fizesse, representaria um sacrilegio contra o qual a Arte, por meio de seus mais legitimos representantes, protestaria, furiosa. Quem ousaria propôr o complemento dos braços decepados da Venus de Milo? As palavras de uma lingua estão nas mesmas condições monumentaes. São desenhos conventionaes, que representam ideas, cousas, fixados por um accôrdo geral, e só por outro accôrdo, tambem geral e secular, devido a circumstancias, por assim dizer, de ordem publica, é que poderão ser alterados. Esse, que os altere, de motu proprio, ainda que fundado em boas razões, embora seja um philólogo, é um iconoclasta.

Nós temos, por exemplo, o substantivo *mêdo* (do latim *metus*). D'este substantivo, e segundo o genio da nossa lingua, devia formar-se o adjectivo *medoso* (de *med*, affixo, e *oso*, significativo de abundancia, subfixo) formou-se, porém, o de medroso. Quem ousaria substituir este, que representa realmente um êrro philológico, por aquelle? Ninguem: e porquê? Porque em monumentos ninguem toca: *medroso*, permitta-se-me a expressão, é uma asneira, que, por ter seculos de idade, deixou de o ser.

O que é certo, porém, é que d'aquella iniciativa, aliás, sob diversos aspectos benefica, de Candido de Figueiredo, resultou que diversos escriptores, que, manifestamente se não quizeram dar ao trabalho de profundar as ideas d'aquelle sabio philólogo, passaram a exhibir em seus escriptos phantasias orthographicas, em que, e em todo o caso, predominava o horror ao z, ás letras dobradas, e aos sete caracteres de origem grega. Assim, já quasi se não vê senão pais, português, francês, inglês, com carapuça, como se um escriptor fosse mestre-escola que devesse estar a ensinar a pronuncia aos seus leitores; *rasão*, que nunca escriptor algum nosso escreveu senão razão, e realisar, baptisar, pisar, etc. quando é certo que, entre nós, não ha s intervocálico nos infinitos dos verbos, regra que só tem excepção n'aquelles que, pela sua derivação, não devam ter o z, como analysar, casar.

A supressão de certas consoantes, que realmente se não pronunciavam, como em *lucto*, *auctor*, poderiam ainda tolerar-se, e realmente se toleram, embora assente no principio falso de que a *orthographia* é filha, ou pelo menos, irmã da *orthoépia*: quando esta nasceu, aquella tinha seculos e seculos de existencia.

O empregar-se, sempre, o *i* em palavras em que ha o *y* grego, e o *f* onde exista o *ph*, não obedece aos bons principios. Essa substituição não é indifferente: o *y* grego é longo, e a vogal antes de duas consoantes longa é, segundo as prosodias grega e latina. "Os romanos, diz Jeronymo Soares Barbosa, na sua excellente *Grammatica Philosophica*, dobravam certas consoantes porque as pronunciavam ambas, e a prova d'isto era ficar a vogal antecedente sempre longa por posição."

Nós dobramol-as, umas, não por essa razão, mas porque derivam das latinas, outras, em muitas palavras compostas, em que entram preposições, cuja ultima letra se muda n'aquella por que começa a palavra a que serve de composição, e outras, finalmente, por uso e costume.

Não me alongo mais, porque, por fim de contas, isto é um livro de versos, e não de controversias, mais ou menos scientificas. O meu intuito era apenas considerar o caso, de que me tenho occupado, e que assumiu as proporções de uma verdadeira *catatrophe*, para a nossa bella e opulenta lingua, sob o seu aspecto artistico.

Quando, ha alguns annos, houve em França um inquérito, solicitado pelos monomaniacos da sónica, ácerca da simplificação da *orthographia* da lingua franceza, nenhum dos escriptores, convidados a dar as suas opiniões a esse respeito, votou a favor, dizendo Renan "que votava contra, porque as palavras não lhe pareciam as mesmas."

Entre nós, e segundo a nova *orthographia* official, muitas d'ellas, não só não parecem as mesmas, mas até pela supressão do *h*, chefe de fila—assumem aspectos totalmente novos e que fazem rir. Um bibliophilo que, movido por natural curiosidade,

se abalançasse a ler as primeiras paginas d'um livro escripto com essa tal orthographia, veria com hilariante (ilariante) surprêsa, passar-lhe diante dos olhos uma procissão de figuras extravagantes, em que só com muito custo reconheceria as antigas palavras dos seus livros, dos livros dos mestres: umas, decapitadas; outras, de refeitas que eram, esqueléticas; outras, sem ornatos, como que nuas, ou em camisa; outras, estripadas, de ventres reentrantes; e outras, emfim, transformadas em verdadeiros hieroglyphos, que só um Champollion com difficuldade decifraria.

Esse bibliophilo, se fosse tambem um artista, como todos o devem ser, que exigisse que a pagina d'um livro, pela fórma selecta dos typos, e pelo harmonico conjunto das palavras, em que se respeitassem religiosamente os desenhos dos bons tempos antigos, fosse uma verdadeira pintura, lançaria fóra o livro com indignação, e choraria talvez ao lembrar-se de que em paizes estrangeiros, onde o que é antigo se respeita, poderá agora dizer-se: que o *ómem português* é um homem sem cabeça.

Felizmente, nenhuns dos nossos escriptores, que se prese, se submeterá a tão grotesca orthographia. Eu sou um d'elles e a prova está no que resumidamente fica exposto, e em cada pagina d'este livro.

*
* *

Isso, que fica exposto, não é mais que uma simples nota, explicativa da orthographia que adoptei: a mesma dos meus livros anteriores, e ninguem ahí veja uma sombra sequer de desconsideração por Candido de Figueiredo, e pelos outros collabores do lamentavel desastre. A todos admiro e os tenho na mais alta consideração litteraria.

II

Este livro é de versos, e não de versos e prosas, de modo que o conto *Colombina*, com que o remato, talvez ficasse melhor nas *Folhas do Outono*, livro a que é estranha a linguagem dos deuses, e que, se os Fados a isso se não oppozerem irremediavelmente, tenciono publicar no proximo inverno. Comtudo, como esse conto, embora pelos factos em que assenta, nada tenha de phantastico, pertence mais, como a *Sylvia*, que sahi no volume *Por montes e valles*, ao mundo das cousas psicologicamente poeticas, do que ao mundo das cousas prosaicas d'esta vida, e como, por outro lado, representa uma pagina dos meus tempos d'outrora, entendi que não ficava mal n'um livro intitulado *Echos do passado*. Se é uma irreverencia, que eu, além d'isso poderia justificar com numerosos exemplos de poetas de alto cothurno, perdoem-ma os meus benignos collegas do Parnaso.

18-ix-12.

INDICE

	PAG.
Prefacio	5
A expiação	11
O espelho traidor	13
Amor secreto	15
Racord	17
Recordações	19
Entre mundanas	25
O seu poder	27
Enfim	29
Ungidos	31
O problema	33
Outros tempos	35
Felix culpa	37
Madrigal	39
Nova conquista	40
O chapéu	41
Viagem de nupcias	43
Flirt	45
Autá	46
Decepção	49
Amorosa offerta	51
Quale piuma al vento	53
Turpe similis amor	55
Ao poeta X	57
Incuravel	59
Florívoro	60
As duas irmãs	61
Eterna mocidade	63
Coitadas !	65
A educação e o temperamento	67
Mytologico	69
O conjungo vobis	70
O ouvido	71
Jôgo encoberto	73
A sensação	75
A vida	77
N'um leque	78
Constancia	79
O ramo perdido	80
Dualismo	81

INDICE

176

	PAG.
A imagem	83
Ultima esperanza	85
O burro	87
Lamurias.	80
Zombeteira	91
Mau humor	92
Os dous asnos	93
Dias Freitas	95
Hespanhola	97
N'um album	100
Madrigal	101
Confronto	102
Mater amorosa	103
O defunto	105
Aquelle amor	107
Faminta	109
Anthero de Figueiredo	111
Consolação	113
A triste cousa	115
Dúvidas	117
Incorruptivel.	119
Antonio Nobre	121
Desagravo	123
Antropóphago	125
Segundo S. Matheus	127
Narcisa Holtreman	129
Idealismo e positivismo.	131
Reconhecimento	133
A viuva triste	135
A Deusa Razão	137
In favilla.	139
Antes e depois	141
A paga	143
Sem peccado.	145
Impenitente	147
Jean qui pleure et Jean qui rit	149
O fim	150
Colombina	153
Notas.	167

O Oiro do Dia, 13.6.75, 1.500\$000.

874631

João Penha

(DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA)

ECHOS DO PASSADO

VERSOS

COLOMBINA

CONTO

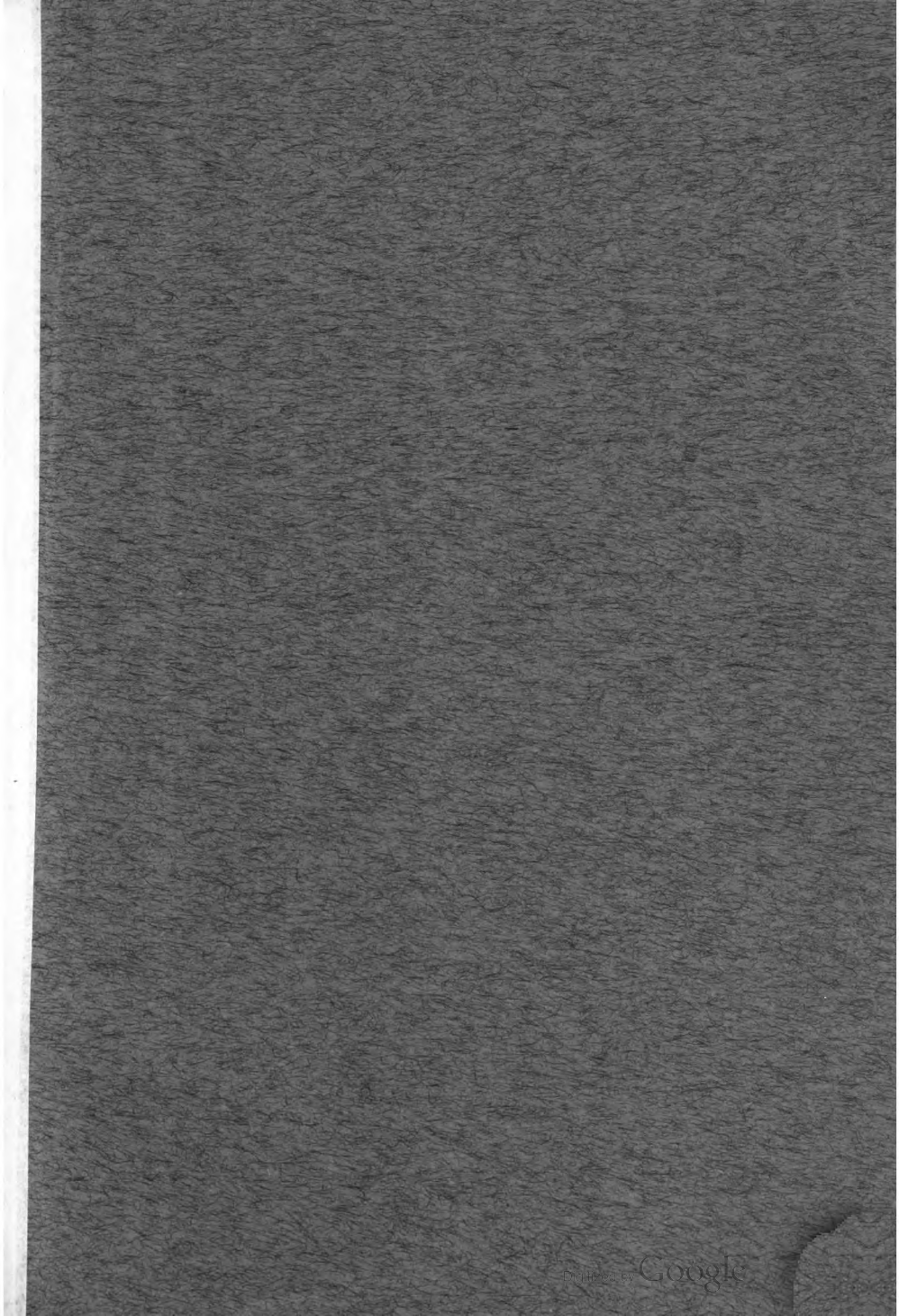
Com PREFACIO
e NOTAS



1914

COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA

1, Rua da Fabrica, 13-12, Largo dos Loios, 14-119, Rua do Almada, 123
PORTO



COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA

119, Rua do Almada, 123 e Largo dos Loios n.º 14 — PORTO

Mistral (Frederico)

A Mireia, br. 500, encad. 700

Combes (Paulo)

O Livro da Esposa, br. 500, encad. 700

O Livro da Dona de Casa, br. 500, encad. 700

O Livro da Mãe, br. 500, encad. 700

O Livro da Educadora, br. 500, encad. 700

O Problema da Felicidade, br. 500, encad. 700

José Agostinho

Brasil, romance histórico, br. 500, encad. 700

Camilo Castelo Branco

O Amor de Perdição, br. 600, encad. 800

Mark Twain

Memórias de Adão e Eva—Tradução de Câmara Lima
br. 400

António Figueirinhas

Contos para as crianças, br. 300, encad. 500

António (D.) da Costa

História da Instrução Popular, br. 500 encad. 700

No Minho, br. 500, encad. 700

Três Mundos, br. 500, encad. 700

O Cristianismo e o Progresso, br. 300, encad. 500

Alvaro Pinheiro Chagas

Notas dum Lisboaeta—3.º volume, br. 600

Figueirinhas (Maria Pinto)

Contos das Crianças, br. 300, encad. 500

Livro das Maravilhas br. 300, encad. 500

Serões das Crianças, br. 100

